

COSMO LITTERARIO

Redactor M. A. Major

N. 17

Anno I

PARTE LITTERARIA

Cervantes

Na vida das nações ha momentos tão resplandecentes em todos os seus actos, que todos elles parecem profícios benefícios, que a Providencia em magnanima prodigalidade distribue á sociedade, e cujos principios normaes estampára nas idéas innatas, que perpetuão-se mau grado a missão hedionda do tempo. E' porque se na plenitude do infinito, a extensidade do bem collocada a par do brilhantismo do bello revela-se até mesmo nos ideaes, onde reflectem por certo os laivos do socialismo.

Na época em que Portugal ouvia os tangentes accordes da lyra do soldado poeta, em que Brantome na França, e Tasso na Italia arpejavão as candentes cordas do alaude mavioso da poesia; nas plagas hispanholas surgia um novo homem, em cuja fronte o destino escrevera a infelicidade, e que Deos ou a eventualidade

buscara para igualar ao cantor dos *Lusiadas* na poesia, na guerra e nas angustias.

Miguel Cervantes Saavedra nasceu em 1547 em Alcala de Henarez d'uma familia nobre porém pobre. Camões foi soldado em *Ceuta*, Dante em *Campoldino*, pois bem como todos estes, Cervantes distinguiu-se em *Lepanto*, onde recebeu uma ferida no braço esquerdo, de que ficou estropeado todo o resto de sua vida, e voltando para sua patria foi aprisionado pelos corsarios.

Durante seis annos serviu de escravo aos proselytos do Alcorão; e foi resgatado pela comunidade da Tripolide, que como Briareo estendia benefícios balsamios para todo o orbe, demonstrando a sublimidade do burrel.

Sim, Cervantes como nobre e guerreiro é olvidado nos carceres de Argel por esses compatriotas e por essa patria tão ingrata para elle; porém como christão não é esquecido por esse humanitario frade, que lucha contra a impiedade, que resgata o infeliz por uma somma adquirida em ardentes clinas, esmolando de

OS MISERAVEIS VERDADEIROS

Romance original

DE

MANOEL ANTONIO MAJOR
PARTE SEGUNDA

I

Plano e execução.

(Continuação do numero antecedente).

— Meu caro Feutry, está tudo arranjado, dizia Seuthro entrando na sala do conde Feutry, que fumava deitado em um divan.

— Como assim *mio caro*?

— Esta noite, se quizerdes, tereis Sophia.

Feutry ergueu-se, e arregalando os olhos procurou comprehendêr.

Seuthro sentou-se em uma cadeira à Voltaire, e alisando a barba disse:

— Sophia é uma dessas mulheres para as quaes não ha perigos. Mulher na forma é humem no animo, debalde ruminei e não encontro um meio mais efficaz do que este. Hoje á noite lhe enviarei um bilhete anonymo pedindo uma conferencia no jardim, ahí nos esconderemos depois de ter postado ao longo do muro um carro.

— Comprehendo, exclamou Feutry sahindo da sua natural ignorancia, e sei até o desfecho.

Se o advinhastes, Sr. conde, é necessário pois que se disponha a fazer uma viagem para bem longe, e desde já apresento-lhe os meus respeitos. A' meia noite estareis com um carro, cujos cavallos possão transportar quarenta leguas em oito ou nove horas, e previno-vos discrição, e que tenhais armas para o que der e vier.

Seuthro apertou a mão do conde e saiu.

Nessa mesma manhã em que o salteador e o conde projectavão tão ruins planos, Sophia recebia os adeuses do duque de Niemen, que partia para o Havre em missão do governo. Se não tivessemos resolvido encurtar o mais que é possível o fio dessa narração, se a não escrevessemos para o limitado espaço do folhetim contariamos as promessas e as juras feitas entre a filha do banqueiro Desat e o Exm. duque de Niemen, porém como isto não vem ao caso passamos adiante.

Sophia pensava em seus sonhos de poetisa, cuidava-se rainha em um mundo de sieções, e mal antevia o abysmo cavado a seus pés; ella receberá ao descahir da tarde um bilhete concebido nestes termos: «Sophia — Se amas a t.u pai acima de todos os objectos que são caros, estejas á meia-noute no jardim, porque é para salvá-lo de um perigo eminentíssimo. »

A filha do banqueiro leu e releu esse bilhete anonymo, e entregou-se ás duras reflexões de quem sente um perigo sem conhecê-lo, procurou interrogar que causas haverião para estar seu pai em *eminente perigo*. E a filha do homem honrado a toda prova, que conhecia todos os negócios de Desat duvidou das palavras do bilhete; então sustentou uma lucta entre a dúvida e o medo, lucta que acabrunhou todas suas faculdades e toldou a serenidade do seu coração.

Malditos sejam aqueles que só ruminam desgraças.

Sophia era antes de ser mulher um espirito forte, porém não costumado aos azares, ella resolveu ir ao jardim, e não confiando em suas forças escondeu em baixo de sua manta um punhal e encaminhou-se para o lugar determinado.

Apenas soarão doze tangeres no sino da cathedral, ouviu um ruido e uma voz baixa cortar o silencio de então.

— Estais ahi, M.^{me}? perguntou um vulto encaminhando-se para Sophia.

— Estou.... dizei o que quereis, respondeu a moça com emoção.

O vulto continuou a caminhar, enquanto um outro arrastava-se por entre as arvores fronteiras ao sofá de marmore, onde achava-se Sophia.

O que quereis? perguntou a filha do banqueiro, apertando o cabo do punhal.

A unica resposta que teve foi sentir-se segura por dous braços vigorosos, então em um esforço varonil alçou o braço e enterrou o punhal no peito do atrevido que ousava offendê-la; porém, de que servia cahir um ferido a seus pés, se um outro desarmava-a e tapava-lhe a boca.

Sophia desmaiou, e Feutry sem importar-se com Seuthro, que jazia no meio do jardim, correu para uma alea ao longo de um muro, onde estava um carro.

— A' galope, Francisco! exclamou elle abrindo a portinhola, e depondo no fundo a joven donzella ainda em desmaio.

O carro puxado por dous valentes cavallos rodou velozmente.

(Continua.)

porta em porta, e sob umbrosas noites, no meio das florestas virgens onde o seu canto sublime esvoaça até o Eterno, e Cervantes vingou-se da patria avarenta e ingrata escrevendo seu immortal romance *D. Quixote*.

Reconcentrou no intimo de seu peito a gratidão, que sentia por esses soldados regulares das legiões monachas, porque elle o soldado de *Lepanto* reconhecia nas accções prodigiosas desses homens o typo impresso da piedade evangelica e da caridade pregada pelo Homem-Deos; infeliz como Camões recorreu a sua penna para della ter um subsidio; elle casou-se, e em Toledo, Sevilha e Madrid seu nome era apontado como um desses signaes, que resumindo em si o infortunio demonstrão o sorriso argélico da resignação. Elle publicou algumas peças dramaticas, que forão pouco aceitas; a *Galatéa* romance pastoral e algumas obras mais, que o tempo fez esconder nas reconditas estantes do sabio, ou cujos traços apagou pelo seu perpassar.

Cervantes morreu em Madrid aos cincuenta e nove annos e seu nome brilha na galeria dos litteratos preclaros, seu estylo satyro, que morde insinuando-se e seus quadros são bellos, onde relevase a intelligencia concisa, que em ambages continuas expande a luz. A descripção jocosa, e o ridiculo dos tempos da antiga cavalaria são documentos justificativos do seu intellecto, e do sentimento de antipathia que ti ha para com seus iguaes, que o abandonaraõ nas masmorras d'Argel.

Portugal e a Hespanha possuem uma gloria, que se cifra em poucas palavras, e essas duas irmãas, tão irmãas na immobildade dos costumes, crenças e constancia, e tão rivaes nas utopias falsarias e enganadoras, que florescem á luz brilhante do progresso, resumem a historia gigantesca de sua litteratura em dous nomes e n'uma gloria unisona.

MAJOR.

Prototypes da Época.

I

OS ORGIACOS

A Manoel Antonio Major.

Que fazes, Edmundo? apenas tocas com os labios na espumante Bass, quando nós em longos tragos temos sido vencedores ante as tontices da crapula? Queres por ventura tornar inodavel a tua reputação perante o mundo; temes por acaso que a vertigem do torpe cynismo te requeime os nacarados labios? Sem duvida, meu poltrão, julgas que é cedo de mais para descer das *virtudes* da sociedade?

O mancebo que assim fallava em alta voz, sentado junto á uma mesa, coberta de iguarias e de fortes bebidas, rodeiado por quatro ou cinco jovens tão cynicos como elle, e tendo por companheiras de seus prazeres a outras tantas mulheres, em cujas faces, hoje queimadas pelo arrebique, não pôde assumir o rubor do pejo, douctrinava uma nova victima para a sociedade moderna!

Edmundo nem sequer respondeu ás arguições do seu companionheiro, um sorriso de desprezo lhe pairou nos labios, e o odio se manifestava em seu semblante!

— A' saude do homem crente que se conserva fiel aos jumentos de amor! Hip! Hip! Hurrah!

E os mais fortes espiritos alcoolicos erão tragados como se fôra pura agua!

— Sim, á sua saude, disse Edmundo, á saude do crente porque elle não devassa os salões em que o cynismo se ostenta em todo o seu explendor; á saude do ridiculo, porque não abre o fecho de sua carteira junto á mesa do jogo para ganhar a quarta parte do que outr'ora perdeu; porque elle não faz parte desse grupo dos *Lovelaces* da época.

— Sublime! Poetico! Serias capaz com o teu arrasoado converter e proprio Dom Juan se ao menos os seus ossos te ouvissem. Pelas barbas do diabo hei-de folhear bastantes vezes os teus esboços moraes que comprei em uma taverna pelo valor do seu peso. O amor tem alli o seu padrão de gloria, a ingenuidade apparece a seu lado para formar um grupo perfeito; fervem em borbotões as phrases castas de um amor puro, as inspirações borbulhão ferventes como um enchame de abelhas sobresaltadas pelo travesso menino que as repelli do seu domínio.

Cala-te louco! Nesta noite de encantos em que procuraõs gozos rapidos, em que vos achais em orgias, zombais da honra e do pudor; e a crapula vos altera a razão; amanhã, no seio da sociedade, no lar domestico sereis os primeiros a pontar com o dedo a devassa *Phriné* com quem hontem zombaveis das credulidades humanas; sereis os primeiros a affectar de virtuosos, diante da casta virgem a quem quereis perder, e que mais tarde succumbe ás vossas detestaveis ciladas.

Pobre mulher, que vais folhear o livro da vida corrupta da sociedade moderna, porque a vibora que abrigavas em teu seio ferio-te no que é de mais apreço — a honra; porque as lagrimas de crocodilo, que tanto te enternecerão, forão substituidas pelo riro sarcastico do seductor do seculo.

Quem d'ahi a duas horas penetrasse nessa sala veria á mortiça luz das bugias que lampejavão em seus ultimos vestigios, os effeitos da crapula n'essa noite fatal.

Os mancebos lividos como cadaveres dormião indolentes com a cabeça no collo das *Gauthier* que havião adormecido sentadas nos divans do salão.

Só Edmundo velava, sentado defronte d'esse detestavel grupo.

Talvez que o leitor se admire de ver um mancebo de nobres qualidades fazendo parte de uma cohorte.

Vou satisfazer a sua curiosidade.

Edmundo amou uma mulher com um sentimento d'alma que só pôde ser definido por aquelle que o experimenta.

O infeliz foi trahido.

A dôr do seu coração foi sem igual, intentou esquecer entre as vertigens da crapula, os pezares do seu peito.

E então quando descreu da fidelidade feminina, quando tornou-se mais impudico que *Rolla* vibrou na lyra o seu ultimo canto:

E' mais um vate que renega as crenças,
Se para o mundo já não tem valor :
Elle em delírios de cynismo torpe
Compra delícias de singido amor.

O infeliz s'enganava.

Sedusido pelas enganadoras phrases de uma mulher de rosto de anjo e de coração de vibora em cujo peito não podia abrigar-se sentimentos puros, porém que com seus protestos de amor eterno soube enlevar-lhe o coração, veio offertar-lhe a desgraça em troca de suas novas crenças.

Lucinda era uma das flores mais formosas que adornavão a rua de etc., etc., etc.

No ardor do cynismo perdeu o perfume da pureza ; era o anjo máo dos mancebos inexperientes.

Uma habil pena descrevendo a paixão, disse em um bem elaborado trabalho prosaico que o coração quando está impressionado por um sentimento de infelicidade amorosa é susceptivel de apaixonar-se de novo.

Os vestigios da descrença desaparecerão do seu peito, foi credulo, o amor apoderou-se d'aquella alma tão nobre e o anjo de azas negras veio um pouco mais tarde pousar sob a fronte d'essa pobre victima.

Lucinda havia abandonado o seu amante para seguir um Leon.

Edmundo havia buscado no suicídio um esquecimento eterno dos seus amores de poeta. O scepticismo não teve poder para tornal-o descrente e a victima do amor, conservou suas crenças até que, ultimo lampejo de sua vida foi extinto de todo.

O cynismo não pôde corromper aquella alma de Poeta !

ALVARENGA NETTO.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

PARTE RECREATIVA

Mosaico

A semana foi prediga de acontecimentos. Além dos tristes efeitos da companhia Lyrica o povo não tem tido um divertimento desses que agrada como os que dá Mr. Lave.

A carestia dos espectáculos não compensa a multidão de *machinas* que divagão nos ares, de *foquetes, bichas e traques*. Tem havido estrondosos bailes no Caçador et reliqua, tem encetado-se os quadros intimos de um pretençoso basbaque que ambiciona fôros de explendido racional, isto é ou quer dizer em bom portuguez : Ha em essa boa cidade um museu variado de litteratos almejadores de grandiosos futuros e aos quaes poderia aplicar esses versos rebugentes :

Se o Tolentino vivesse,
Ou se o Faustino quisesse,
Voltar á antiga mania,
Podera nesta ci lade
Provocar a hilariade,
Cantando em verso rimado
A moderna epidemia
Chamada — litteratura ;
E não pouca creatura
Que o juizo tem virado,
Ao bom caminho deixado,
Volvêra talvez um dia....

* * *

Sem ser algum Diogenes, que do fundo de um tonel escreva sandices, sem mesmo pertencer á classe dos escrivaninhos de peixe frito ou bacalhão assado, gostamos de fallar sobre os theatros porque é matéria agradavel.

A necessidade de um theatro normal é urgente, a criação de uma escola realista que ame a arte pela arte, que de enrole aos olhos dos amadores dos chinwaldos e estocadas a belleza da naturalidade, a sociedade real em seus vicios e virtudes, que o actor comprehenda sua missão evangélica e que lembre-se de Molière sarcastico e zombeteiro, e João Caetano apoderando-se do espirito dos expectadores. — C'EST CHOSE TRÈS AGREABLE.

O theatro de S. Januario levou á cena no domingo o drama do Dr. Agrario *Os Miseraveis*. Se a concurrencia foi pouca em razão do divertimento gratis do Mr. Lave, com tudo isto não é de competência propria, e sem mais preambulos entremos no drama ou na materia.

Os Miseraveis é uma bella composição, cujas irregularidades e defeitos reparaveis não offuscão o fundo moral: Base de moralidade subjuga a vaidade de *Fausa*, demonstra a ignorância e ambição do automato *Vicente Ferrer*, o coquettismo politico do *Barão Praxedes* e *Dr. Gonzaga*; dá-nos mais um exemplo da fragilidade das mulheres em *Christina* e do perigo da ociosidade em *Eugenio*, typo que encontramos a cada passo. Ha, porém, no drama uma beleza e um quilate de sublimidade na honradez do typographo e na regeneração de *Eugenio*.

A companhia não foi má se julgarmos pelos aplausos, ramos de flores com fitas solferinas, e o facto de ser chamada á cena ; nós porém julgamos pelo que vemos, e por consequencia diremos a verdade.

O Sr. Martins no papel de *Vicente Ferrer* e Pimentel no de *Eugenio* merecem sinceros protestos de admiração, a um e a outro dizemos : *Away !* A um e a outro apontamos para o futuro.

A Sra. Maria Fernanda, exceptuando o final do 3º acto, foi maravilhosamente : Aquella penultima cena do 4º acto e todo o 5º foram bastantes para demonstrar o seu talento artístico ; Theresa Martins no papel de *Christina* e Januaria no de *Baulio* satisfizerão ao publico, que, conhecedor da mocidade de seus esforços, não pôde ser muito exigente ; o resto da companhia, tirando-se a exageração do actor (não sabemos o nome) que fez o papel de *Macrobio*, andou bem.

Não ha mais espaço — diz-me o typographo.

Acabemos pois : O theatro de S. Januario pôde merecer alguma consideração de theatro-escola uma vez que os seus actores estudem e mostrem ávidos de gloria, porque nem o povo é ingrato, e nem nós seremos os ultimos em exclamar : *Le monde marche !*

2 de Julho

Mais um anno que se escôa, mais um periodo que nos traz a reminiscencia de tempos heroicos.

Os laços da tyrannia quebrarão-se como simples instrumentos de um governo absoluto, que acabrunhou os destinos de uma geração nova.

A Bahia regosija-se celebrando as festas de um povo livre, e as demais provincias acompanham-na no seu jubilo. Irmãos pelo destino e sofrimentos são outros tantos amigos que se sentão no mesa dos banquetes para solemnizar o faustoso dia de uma emancipação.

Já não quer-se os gritos de odios e as dissidencias : Entre o americano e o europeu ha contractos que não rompem-se, nem quebrão-se.

O filho da Europa respeita as solemnidades do seu irmão mais moço, e o filho da America guarda a deferencia precisa á seu irmão mais velho.

O dia 2 de Julho pois é objecto de todos os corações, que presão os dictames da liberdade ; e quando na Polonia debate-se a nacionalidade com a tyrannia, é mais um motivo para acquescer-se ao prazer porque reconhece-se a dificuldade de obter-se uma liberdade — que quando seja mesmo utopia — é sempre liberdade.

Aos veteranos de nossa Independencia, um salve, um brado de veneração !

A liberdade — sonho de realidade — um grito unisono e patriótico !

M.

PARTE POETICA

Descrença

Ao meu amigo Lucas da Costa Faria

Eu sigo, amigo, nesta vida infida,
Hoje descrida para o meu viver!
Se ha ventura pura neste mundo immundo,
Ah! quão profundo que é o meu soffrer!

Se ha crença immensa em futuro puro,
Oh! eu asseguro ter sonhado assim!
Mas, pensei e achei no risonho sonho,
Viver tristonho me cercando emsim!...

Se ha amor em flôr nas donzelas bellas,
Não creio nellas, nem em seus olhares;
São qual vento lento que ninguem sustem
Fugindo além, n'amplidão dos ares!...

Ah!... hoje me foge a alliança mansa
Dessa esp'rança que ao porvir conduz;
Porque vejo o ensejo dessa sorte forte
Turbar-me o norte que me dava luz!...

Já pensei, sonhei, no porvir sorrir
Delle imprimir os dictames seus!
Mas qu'engano usano, que martyrio dirio,
Hoje em delirio, creio só em Deus!

PEREIRA DE ABREU.

Amor e tormentos!

Nas horas tristonhas que tudo escurce
Que a alma apparece mostrando seu manto!
São horas que eu teço canções de amizade
De triste saudade, de dôr e de pranto!!

Por ti!!

Aqui no retiro da minha orphandade
Aonde a saudade me dará só dôres!!
Eu vi em teus olhos um fim de bonanças,
Um céo de esperanças, um mundo de amores!!

Amei-te!!

Se escuto o gemido da rola em seu ninho,
Chorando o filhinho que cedo perdeu!!
Se a briza fagueira nos bosques suspira,
No som desta lyra tambem choro eu!!

Por ti!!

Me lembro do tempo que juntos passamos
Que alegres vivemos em um mundo de flôres!!
Da linda estrellinha que então nos seguia
Que nos presidia nas juras de amores!!

Lembras-te!!

Me lembro dos campos, dos cantos saudosos
Dos sons maviosos que além eu ouvi!!
Do seio materno.... do pai extremoso,
Do irmão carinhoso.... me lembro de ti!!

Padeço!!

Se escuto o murmúrio de além desses montes
As queixas das fontes das aguas correndo!!
Eu sinto minh'alma de dôr opprimida
No êrmo da vida afflita jazeendo!!

Sem ti!!

Se escuto alta noite, gentil trovador
Cantando o amor com voz de alegria!!
Eu tenho saudade do nosso passado
De quando á teu lado contente eu dizia!!

Amo-te!!

Meu peito cançado já sinto morrer
Sem obter de ti um lamento!!
Mas quero que antes da vida acabar
De ti alcançar no meu pensamento!!

Perdão!!

JOSEPHINA PITANGA.

Ao meu amigo Claro

16 DE MARÇO DE 1864

*Quem me déra viver nas densas mattas
Que as curvas margens do Amas nas orlão
Quem me déra morrer á sombra dellas
C'o pensamento n Deus, c'o a fé do justo!*

EDUARDO.

Quizera morrer n'um sertão deserto
Dos mortaes descrente, solitário, longe,
Qual peregrino deixar a patria
Calçar sandalias, n'um viver de monge..

Que vida, meu Deus, eu soffro
Que vida triste de misérias cheia!
E minh'alma com a espada em punho
Da prudencia divinal meneia.

Quizera viver como a praia êrma
Onde as aguas d' mar não vem,
N'uma vida triste de penar sem sim
Olhando tudo com infernal desdem.

Quizera viver como a flôr sem nectar
Onde o zephyro lá não vai beijar,
Deixar a brisa que mansa passa
Nas palmeiras de meu patrio lar.

Se eu não tivesse nesse mundo apêgo
De pai, irmãos, meu Deus, eu juro!
Iria longe n'um viver de monge
Viver santo, n'um viver mais puro.

Se em deixar as gallas que o mundo tem
Não houvesse apêgo, não houvesse custo,
Eu iria viver com Deus na mente
Viver santo, com a fé do justo.

Quizera ser como a rola triste
Que no deserto jurú freme,
Quizera viver no nevado manto
O peregrino erguendo que do frio geme.

O meu desejo é amar a Deus
Da sua patria ganhar a palma,
Ir com os anjos completar um dia
Este desejo que me calla n'alma.

Porém sou fraco, sempre vejo
No lodaçal se manchar meu manto,
Sigo ás cegas, não penso um' hora
Das torpezas o venal encanto.
Quizera morrer n'um sertão deserto
Dos mortaes descrente, solitario, longe,
Qual peregrino deixar a patria,
Calçar sandalias, n'um viver de monge.

CARLOS DE GUSMÃO.

Meu canto

Meu canto é triste como o piar do mocho
Que poisa errante na marmorea cruz;
Que triste gemo... e na escuridão da noite
Seu brilhante olhar—só—ali transluz.

Meu canto é triste como a canção terna
Do fiel amante que já foi trahido
Por aquelle aujo que adorára tanto,
De quem agora já é esquecido.

Meu canto é triste como triste é
Quando á noite — o clarão funereo
Allumia o frio e engelado corpo
De um amigo — lá no cemiterio.

Meu canto é triste... e bem triste é
Elle é tão triste como a minha alma...
Canto alegre encontrar não pôde
Quem do martyrio recebeu a palma.

Meu canto é triste...—e bem triste é!...
Se canto ás vezes festival canção,
E' um canto alegre que só dizem os labios
Que desmentem o meu coração.

A. J. T. LOPES JUNIOR.

ATTENÇÃO

Continua-se a receber assinaturas na rua do Parto n. 110, e bem assim artigos que serão publicados se forem julgados dignos de tal.

O preço das assinaturas é o seguinte:

Anno 8.000

Seis meses . . . 4.000

Trimestre . . . 2.000

TYPOGRAPHIA — IMPARCIAL, RUA DE SANTO ANTONIO N. 26 A.